

Escrever

É algo que se faz para nos sentirmos melhor. Penso que todos os que escrevem, não pensam em publicar; melhor, começaram por não pensar nisso. Depois há os que só pensam nisso, foram eleitos escribas de uma época, de um lugar. Há que aproveitar, nessa altura.

Quando olho pelas janelas e vejo os que ganham a vida em cima de andaimes, construindo prédios, arriscando as suas vidas, nunca deixo de pensar nos que escrevem, escrevem, produzem folhas de papel cheias de caracteres. É verdade que isto se pode dizer, à partida, de qualquer trabalhador intelectual, mas não é sempre assim.

Porque há quem escreva textos úteis: todos os que dão prazer a quem os lê; os que se usam em aulas, aquelas aulas que abrem novas perspectivas aos alunos; quem escreve algo que dá informação, não se limitando à redundância e não se ficando pela informação fútil.

Mesmo assim, voltando ao começo, se escrever nos faz sentir melhor é porque é uma espécie de vingança, vingança contra a existência, os outros, o mundo, a vida. É também, assim sendo, a vingança dos anões, dos que não têm possibilidades para outras vinganças; ficam-se com as amarguras, sublimam-nas em textos. A própria sensação de bem estar ao escrever vai-se esbatendo. O escritor compulsivo é alguém que não está bem; mas quem pode "estar bem", num mundo absurdo? A escrita é mais um dos infinitos caminhos sem saída para a resignação.